

Leila Maria da Silva Blass

... a performance da avenida tem a coisa da mídia... O Carnaval está, efetivamente no que interessa, antes de passar a linha do início. O ano todo acontece... esse é o Carnaval mesmo”²

INTRODUÇÃO

Este texto pretende abordar as relações entre trabalho, emprego e lazer, tentando mostrar que embora a temática do lazer esteja inserida no debate sociológico acerca dos novos paradigmas produtivos e das mudanças no mercado de emprego, o ponto de partida para essa análise fundada na noção moderna de trabalho, enquanto emprego fabril, já preestabelece o seu âmbito na medida em que trabalho, emprego e lazer são concebidos, na modernidade, como atividades sociais opostas entre si.

¹ Este texto é uma versão modificada da comunicação apresentada por mim no *XXVII Encontro Anual da ANPOCS*, realizado em outubro de 2003 na cidade de Caxambu (Minas Gerais).

² Entrevista realizada, por mim, em 28 de outubro de 2002, na residência de Renato Theobaldo, carnavalesco do “Vai Vai”, entre 1991-1993.

Essa visão permanece, apesar da crescente expansão dos índices de emprego não fabril, das mudanças na jornada de trabalho e no tempo regularizado do não-trabalho nas sociedades contemporâneas. Quando se pensa no tempo regido pelo trabalho assalariado, ou nas negociações sindicais em torno da jornada de trabalho, a sua principal referência ainda constitui o operário fabril metalúrgico, figura cada vez mais rara, em termos quantitativos, nos últimos anos, entre os trabalhadores assalariados.

Por sua vez, a temática do lazer associada ao não trabalho, ou ao tempo livre, não tem mobilizado a atenção dos dirigentes sindicais e dos estudiosos da problemática sindical, pois pouco informaria (Fortuna, 1995) a respeito dos trabalhadores cujas práticas sindicais se desenrolam, por excelência, no âmbito do trabalho propriamente dito. Dessa perspectiva, as chamadas atividades de lazer seriam, do ponto de vista sociológico, um mero acessório ao trabalho. Ou seja, são “válvulas de escape” através das quais os trabalhadores se recuperam da fadiga causada pela rotina e monoto-

nia da organização do trabalho, conforme Elias e Dunning (1992). Nessa medida, permitem repor o desgaste diário da força de trabalho (Dumazedier, 1994), indicando que, segundo Kurz (2000), “*não apenas quando ganha dinheiro, mas também quando o gasta o homem capitalista é um trabalhador*”. Portanto, conclui esse autor, “*a ditadura do tempo abstrato também ocupou o lazer*” (Kurz, p. 43).

Nenhuma dessas análises indaga, contudo, sobre as relações sociais que perpassam as práticas de lazer, os seus principais protagonistas e as suas formas de gestão e de produção. Tanto que é difícil, como lembram Elias e Dunning (1992), “*decidir se os deveres de uma dona de casa, ou, do mesmo modo, os trabalhos de jardinagem de um professor, devem ser classificados como trabalho, ou a prática de um jogador de futebol profissional ser considerada como lazer*” (1992, p. 107).

A idéia de tempo livre predefine, assim, os atores sociais envolvidos no consumo das atividades de lazer, bem como os seus produtores. No caso do trabalho doméstico, as suas atividades aparecem diluídas no conjunto das práticas de lazer e, enquanto tais, comporiam as atividades exercidas no tempo regularizado do não trabalho que fundamenta a idéia de “tempo livre”. Urge, portanto, repensar as conexões previamente estabelecidas entre tempo livre e lazer. Que se entende pelo adjetivo “livre”, adicionado à idéia de tempo? Entende-se, conforme Elias e Dunning (1992), “*todo tempo liberto das ocupações de trabalho*” (1992, p. 107)?

Nas sociedades pré-modernas, tradicionais ou primitivas, como dizem alguns, a interpenetração das atividades produtivas com a vida é tão estreita, impossibilitando essa “*separação rigorosa entre trabalho e lazer*”, como lembra Kurz (2000), que o ócio, nessas sociedades, não se encontra isolado das atividades com fins lucrativos”, mas insere-se nelas. Por isso, a jornada de trabalho torna-se mais curta e também menos concentrada. Nas sociedades modernas, acontece o contrário. O chamado tempo livre aparece cada vez mais residual e, como afirma esse autor, “*sem conteúdo ou significado próprios*” (Kurz, p. 41). Ou seja, “*a utopia do lazer*

falhou em termos de seu próprio conteúdo. Com efeito, a expansão apenas quantitativa não altera o caráter do tempo livre como lazer em relação ao espaço funcional capitalista. À medida que aumentou realmente na vida, o mero tempo livre foi imediatamente ocupado pela finalidade própria do capital: a indústria da cultura e indústria do lazer passaram a ocupar e colonizar o tempo penosamente conquistado...” A partir de então, todos(as) se vêem condicionados(as) “*pela ditadura da oferta quando fora da produção*” (Kurz, p. 43).

Caberia, então, indagar: fora de qual produção? Isto porque toda oferta pressupõe um processo de produção, embora, no caso das atividades artísticas, seja quase impossível demarcar as fronteiras entre trabalho e não trabalho, entendido como tempo livre ou lazer. Explica De Masi (1999a), “*se um torneiro ou contador industrial preenchia o seu tempo livre indo ao cinema, fazia alguma coisa estranha a seu trabalho. Mas se vai ao cinema um publicitário, um homem de marketing, um psicólogo, um sociólogo, um economista, um projetista ou um gerente, é difícil dizer onde começa o divertimento e onde termina o trabalho, uma vez que sua atividade criativa dissipa qualquer barreira entre estudo, trabalho e tempo livre*” (De Masi, p. 40).

Em outras palavras, como interromper o que se está fazendo ao soar de uma sirene, ou da marcação dos ponteiros de um relógio, anunciando o término da jornada de trabalho, se a atenção e a concentração mental ainda persistem, independentemente do lugar em que se encontram os protagonistas sociais dessas atividades?

Diante do exposto, permanecem os desafios para análise da relação entre trabalho, emprego e lazer, no contexto da “nova questão social”, entendida como processo de precarização do trabalho. A “nova questão social” decorre, segundo Castel (1995), das “*novas exigências técnico-econômicas da evolução do capitalismo moderno*” (Castel, p. 410) e complementa-se com o funcionamento de sistemas precários de proteção social, caracterizando o desamparo com que os trabalhadores(as) se defrontam, no início deste sé-

culo. A precarização do trabalho promove a insegurança no emprego, gerando a “vulnerabilidade social” do desemprego e da desfiliação (Castel, p. 401). Configura-se, assim, uma das conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo cujo traço mais marcante revela-se na instabilidade e incerteza das relações sociais (Sennet, 1999).

O movimento geral de precarização intensifica-se, nas últimas décadas, deixando evidente, nas palavras de Hirata e Préteceille (2002), “o declínio do mundo operário, os efeitos sociais dramáticos do desemprego e da exclusão a que isso pode conduzir (...) e ao ‘esfacelamento do assalariamento’”. Essas tendências históricas agravam-se diante das mudanças nas “formas de reorganização do trabalho e do emprego em curso” (Hirata e Préteceille, p. 57), particularmente, nas fábricas e nas grandes empresas.

O debate contemporâneo sobre a “nova questão social” apresenta, no entanto, uma certa ambigüidade. Se, de um lado, passa ao largo da produção de bens e serviços não fabris e das práticas de trabalho que se desenrolam fora do universo fabril; de outro, essas práticas, no caso do lazer, aparecem reduzidas, ora ao ócio compulsório que se traduz em desemprego, ora à promessa capitalista não cumprida da livre escolha por parte dos trabalhadores das atividades de lazer, conforme a sua preferência individual, seguindo aptidões e inclinações pessoais (Lazzareschi, 2001, p. 128).

As metamorfoses do trabalho nas sociedades contemporâneas são, muitas vezes, recebidas com otimismo, na medida em que atividades de lazer detêm um papel importante, sobrepondo-se às de trabalho. Desse modo, contemplam as relações entre trabalho, emprego e lazer devido, na visão de Lazzareschi (2001), à “informatização do processo produtivo e de prestação de serviços (que) aliada à adoção de técnicas gerenciais mais racionais, garantem o aumento da produtividade... e a redução, em conseqüência, do número de horas de trabalho necessárias para a demanda sempre crescente” (Lazzareschi, p. 127).

Do ponto de vista da acumulação capitalista, as condições históricas a fim de interligar traba-

lho e moradia; trabalho e vida íntima; trabalho e lazer estão, portanto, dadas. Ou seja, como afirma De Masi (1999b), “*dispomos de todas as tecnologias necessárias para reprojeter o trabalho de forma a conservar as vantagens da produtividade industrial e recuperar as do convívio pré-industrial... (diminuindo) a amarga sensação de conflito entre trabalho e o prazer de aproveitar a vida*” (De Masi, p. 58-59). Contudo, adverte esse autor, *a possível melhoria na qualidade de vida com menos trabalho transmuta-se, paradoxalmente, no “pesadelo do desemprego”* (De Masi, p. 39-40).

Sem entrar no mérito dessas análises sobre a “nova questão social” e sua relação com as atividades de lazer, importa verificar, de um lado, qual a idéia de trabalho que as informa: emprego/ trabalho assalariado ou trabalho; e, de outro, de qual perspectiva é abordada essa questão: a dos consumidores ou a dos produtores das chamadas atividades de lazer?

O estudo sobre a produção dos desfiles de Carnaval pelas escolas de samba de São Paulo deixa claro que a Quarta-feira de Cinzas demarca e separa, principalmente, para os “foliões descompromissados” o tempo da festa e do trabalho. Portanto, ninguém subestima o tempo cotidiano regulado pelo emprego e fora dele. Quem festeja o Carnaval, o faz, lembra Valença (1996), ultrapassando, muitas vezes, “seus próprios limites para obedecer a um único limite: a quarta-feira de Cinzas” (Valença, p. 8).

Não se pode esquecer que os desfiles também envolvem uma pluralidade de processos de trabalho que compreendem a elaboração de um enredo, a construção das alegorias, a confecção de adereços e das fantasias e a composição dos sambas-enredo. Um carnavalesco acompanha e participa desses processos de trabalho, ao lado de alguns componentes e dos diretores da escola de samba que o contrataram para fazer um dado Carnaval. Os produtores que são, ao mesmo tempo, protagonistas de um desfile do Carnaval iluminam, dessa perspectiva, aspectos importantes da análise sobre as práticas de trabalho e de emprego socialmente construídas e reconstruídas nas sociedades capitalistas.

Um desses aspectos questiona as interpretações dominantes que concebem as práticas de lazer opostas, mas complementares, ao trabalho. Uma concepção raramente “considerada problemática”, segundo Elias e Dunning (1992), e que, nesse sentido, é tomada “como um ponto de partida óbvio para investigação” (1992, p. 105; grifos meus), tendo em vista que, conforme esses autores, as práticas de trabalho que se desenvolvem nas grandes empresas e sob a forma assalariada ocupam “um nível superior, como dever moral e um fim em si mesmo; o lazer classifica-se a um nível inferior, como uma forma de preguiça e indulgência... identificado com frequência com o prazer, ao qual também se atribui uma avaliação negativa na escala de valores nominal das sociedades industriais” (1992, p. 105)

Outro daqueles aspectos diz respeito às características das atividades de tempo livre entendidas como lazer, que se definem, para Elias e Dunning (1992), pelo fato de que, através delas, não se ganharia a vida (1992, p. 110). Se assim acontecer, essas atividades tornam-se uma forma de trabalho com obrigações e restrições marcantes do trabalho nas sociedades industriais, mesmo que percebidas e sentidas individual e coletivamente como “muito agradáveis”. Evidencia-se, assim, a inadequação da polarização trabalho e lazer, tendo em conta que, para esses autores, “uma parte considerável do nosso tempo livre não se configura como lazer” (Elias e Dunning, p. 110; grifo meu [cadê o grifo?]). Quer dizer, várias experiências bastante emocionais e de excitação, como por exemplo os campeonatos esportivos, seguem também um conjunto de restrições sociais.

As práticas de trabalho ocupam, na via cotidiana, diferentes lugares e apresentam múltiplos significados atribuídos por quem faz certas atividades, ou seja, de acordo com o contexto dos indivíduos, e do contexto social em que se inserem. O que se faz e onde (os lugares sociais) se desenvolvem certas práticas de trabalho e de emprego seria, dessa perspectiva, menos relevante do que o significado atribuído por quem executa certas atividades.

Nos estudos sobre o lazer, é fundamental distinguir produtores e consumidores. Quer di-

zer, os concertos musicais, espetáculos de dança, os desfiles de Carnaval ou campeonatos esportivos pressupõem múltiplos processos de trabalho cujos produtos podem, ou não, ser consumidos por outros. No caso dos desfiles carnavalescos, os seus organizadores e produtores são também seus consumidores, porque, antes de os produzir para os outros, o fazem para si mesmos (Blass, 1998b, 2003).

Empresários e seus executivos adeptos dos novos paradigmas produtivos não escondem seu interesse quanto à organização dos desfiles carnavalescos pelas grandes escolas de samba e ao envolvimento dos seus protagonistas, enquanto pessoas, nessa produção. Um consultor empresarial, admirador confesso das manifestações carnavalescas no Brasil, declara a um jornal paulistano: “*se chegássemos às fontes culturais da fantástica energia que move a escola de samba, chegaríamos mais perto da possibilidade de organizar a produção e o trabalho no Brasil, com mais produtividade, qualidade, competitividade...*” na medida em que “*todos os princípios básicos de uma gestão eficiente e moderna estão nas escolas de samba: o planejamento estratégico (do desfile), as metas intermediárias, os métodos organizados de trabalho, o criativo e competente desenvolvimento do produto (o samba-enredo, alegorias, fantasias etc), o uso adequado das tecnologias (nos carros alegóricos, na técnica para não atravessar o samba)...*”³

Entende-se tal interesse empresarial ao se considerar, de um lado, que o novo modelo produtivo pressupõe, conforme Hirata (1997), “*outra modalidade de organização da produção e do trabalho e uma outra lógica de utilização da força de trabalho...*” que remete “*à pessoa, mais do que ao indivíduo, e essa pessoa é sujeito e considerado capaz de se implicar, de mobilizar seus recursos próprios em vista da atividade produtiva*” (Hirata, p. 24-25). De outro lado, que a sua implementação privilegia as práticas de trabalho (concreto) contidas no emprego (trabalho abstrato), apesar de ocul-

³ *Gazeta Mercantil*, em 1º de março de 1993, entrevista com Shig Li Chung.

tas no processo de acumulação de capital e nos contratos da força de trabalho.

Desse ponto de vista, o próprio movimento do capital “borra” as fronteiras entre mundo do trabalho e do não trabalho, quando a pessoa do trabalhador se torna central no novo modelo produtivo. A análise de Hirata (1997) caminha nessa direção, quando afirma: “*tratando-se de pessoa, torna-se difícil dissociar o tempo de trabalho e o tempo extratrabalho, o profissional e o pessoal...*” (Hirata, p. 25).

Importa ressaltar, portanto, que os olhares empresariais sobre a produção dos desfiles de Carnaval recaem ainda na multiplicidade e pluralidade de saberes e de fazeres que supõem, como sugere de Certeau (1994), uma arte no seu fazer ou dizer que é decodificado por outros. O saber fazer concreto revela, através do trabalho, um potencial criador, essencialmente humano, presente em toda produção, não apenas no fazer artístico no seu sentido estrito.

Obedecendo “*a uma lógica da descoberta na qual a realidade social se insinua, conjectura, indicia*” e fugindo de uma lógica de demonstração, como sugere Pais (2003), pretendo, neste texto, suscitar uma reflexão em torno da noção moderna de trabalho, criada e imaginada na modernidade européia ocidental, quando trabalho se confunde, cada vez mais, com emprego industrial, opondo-se ao não trabalho ou lazer. Esta reflexão será feita tendo, por contraponto, a produção dos desfiles de Carnaval, que requer outros olhares sobre as festas e manifestações culturais, em geral, e as de Carnaval, em particular.

TRABALHO: lugares e significados

Refletir sobre os lugares e significados do trabalho, nas sociedades contemporâneas implica, de imediato, admitir que inexiste forma de vida societária sem trabalho. Ou seja, discorrer sobre trabalho remete à sociedade.

O discurso moderno sobre trabalho emerge, na Europa Ocidental, no último cartel do sécu-

lo XVII, ganha contornos mais nítidos no final do século XVIII e, mais particularmente, com a generalização das relações capitalistas de produção, no decorrer do século XIX. Relaciona-se, de um lado, com a noção de trabalho produtivo elaborada pela economia política mercantilista e ilustrada; e, por outro, a concepção de trabalho motivado que se articula com a apologia ao luxo. A noção de trabalho produtivo inspira, conforme Diez (2001), as formulações iniciais de “*una teoria de la sociedad ocupada que podemos considerar como una primitiva formulación de la idea de sociedad del trabajo.*” Enquanto trabalho motivado funda-se, para esse autor, na idéia de laboriosidade entendida como *virtú*, “força para ação”. Ou seja, “*pulsión subjetivamente motivada para la actividad laboral, productiva o improductiva*” (Diez, p. 122).

As experiências e encontros dos europeus com os habitantes do Novo Mundo fazem parte desse processo histórico, incluindo a visão dos europeus sobre a relação que os selvagens parecem ter – ou não ter – com o trabalho.

As imagens dos ditos civilizados são elaboradas, conforme Jacob (1994), a partir das imagens sobre os ditos selvagens que, lentamente, sedimenta a idéia de que “*civilizar é tornar-se industrioso*”. Dias e Gambini (1998) mostram também que

na vida indígena, nunca houve separação abrupta entre trabalho e lazer, por exemplo, (...) o trabalho não está associado à amargura, embora, fisicamente, às vezes seja pesadíssimo. Mas quem tem oportunidade de ver índios trabalhando no sistema deles pode ver que o trabalho é alegre porque eles estão juntos. O mero fato de estar todo mundo junto cria alegria. Eles fazem piada enquanto trabalham, riem, conversam, brincam. (Dias e Gambini, p. 19)

É importante lembrar ainda que as relações assalariadas se expandem nas sociedades capitalistas ocidentais e promovem, em contrapartida, conforme Quijano (1988), a manutenção dos diferentes processos produtivos já existentes nos continentes “*recém-descobertos*” pelos colonizadores. Esses continentes “*não eram desabitados, mas esparsamente povoados conforme a disponibilidade ecológica*” (Altwater, 1995, p. 181) e as atividades produtivas como, por exemplo, caça, pesca,

plantio, confecção de artefatos, preparação dos rituais, *etc.* compõem o conjunto das suas atividades sociais.

Tendo como referência esse cenário social, o grau de separação e de fragmentação das esferas da produção, distribuição e consumo que se tornam, gradativamente, autônomas entre si, caracterizam, do ponto de vista econômico, o estágio de desenvolvimento das várias formas de vida societária. Tratando-se das sociedades modernas e desenvolvidas, os locais de trabalho designados como mundos do trabalho (Hirata, 1997) encontram-se separados dos locais de moradia, das atividades domiciliares e outras designadas como lazer que, enquadradas nas práticas de tempo livre, configuram o chamado mundo do não trabalho. O tempo social estrutura-se, conforme a jornada regular de trabalho, em tempo de trabalho e em tempo livre. Assim, trabalho contrapõe-se às atividades de lazer confundidas com ócio. Somente o emprego nas grandes empresas gera renda e os trabalhadores assalariados opõem-se aos artistas e artesãos. Estando fora do processo de geração de riqueza social, as suas práticas não se enquadram no estatuto de trabalho, nem sequer no de emprego.

A noção de trabalho, criada e imaginada na modernidade, não abrange, portanto, as atividades de não trabalho. A fábrica moderna, na sua universalidade abstrata, e o emprego fabril, por conseguinte, tornam-se o paradigma das análises sociológicas do trabalho, reafirmando a cisão entre mundo do trabalho e do não trabalho, devido à generalização do trabalho assalariado nas grandes empresas, sejam elas industriais ou não. A partir de então, emprego confunde-se com trabalho, sendo a forma histórica que o trabalho assume, nas sociedades modernas. Assim dessacralizado, trabalho associa-se, de imediato, aos sentimentos de castigo, dever moral, punição, dor, obrigação, mobilizando as imagens sociais como a “cruz que se carrega para o resto da vida”.

O ato de trabalhar, enquanto ato criativo, perde, assim, a sua magia. Atua sobre a natureza, considerada celeiro de matérias-primas e de energia, e desvincula-se do sobrenatural e do sistema

de relações sociais.

O trabalho assalariado ou emprego, ao gerar riquezas, torna-se a principal fonte da acumulação de capital. Os olhares das Ciências Sociais e da Economia Política, inspirados no ideário iluminista, privilegiam essa dinâmica que constitui a fonte geradora de capital, da riqueza das nações e do progresso. Segundo Diez (2001), “*a ética do trabalho distancia-se, seja da ascese religiosa, como signo de salvação, seja da política, como realização da cidadania*” (Diez, 2001, p. 136). Assim, “*o trabalho assalariado torna-se a principal referência para análise das diferentes formas de organização dos processos de trabalho*” (Diez, p. 142), das práticas sindicais e das múltiplas formas de vida societária.

As práticas de trabalho têm, portanto, uma linguagem que se expressa em vários lugares e apresentam múltiplos significados. Quando remetidas às dimensões sociais, fazem parte da vida, perseguem outros objetivos e valores como, por exemplo, os de conviviabilidade, solidariedade e responsabilidade. Indagam os modelos universais e civilizatórios fundados na cisão entre economia e sociedade; entre produtor e consumidor; trabalhador, enquanto pessoa, e força de trabalho; trabalho concreto e trabalho abstrato.

Na produção das festas populares e das manifestações culturais, dentre estas os preparativos de um desfile anual de Carnaval, ficam diluídas essas dicotomias, promovendo a efetiva participação e envolvimento de quem produz e faz acontecer esse desfile. Desaparece, assim, a oposição entre trabalho, emprego e não trabalho, entendido como lazer, uma das dimensões teóricas da noção moderna de trabalho.

O PAPEL DO CARNAVALESCO NA PRODUÇÃO DO DESFILE DE CARNAVAL

Apesar da espetacularização dos desfiles de Carnaval das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo, nos últimos anos, ainda persiste uma concepção romântica de que esses

desfiles são totalmente improvisados, pouco organizados e realizados pela dedicação dos seus componentes, às vésperas do Carnaval e no seu tempo livre. Dessa ótica, seria uma brincadeira que faz parte das atividades de lazer, ou do não trabalho, pois o verdadeiro trabalho se encontra em outro lugar. As interpretações dominantes, que opõem lazer e trabalho, são, assim, reafirmadas e reforçadas.

Rosa Magalhães, conhecida carnavalesca de uma grande escola de samba no Rio de Janeiro, reconhece as mudanças por que passaram os desfiles carnavalescos. Contudo, declara “*as mudanças que ocorreram foram de ordem estética e administrativa, mas a essência continua a mesma*” (1977, p. 13).

Importa enfatizar que os múltiplos discursos em torno do Carnaval brasileiro resultam da confluência entre os olhares por dentro (internos) e de fora (externos) à festa. Estes pertencem a quem participa, uma única vez, de um desfile carnavalesco, isto é, os chamados “foliões descompromissados”; de quem assiste aos desfiles das arquibancadas na Passarela do Samba, ou tomam conhecimento das festividades de Momo através das transmissões de TV e dos comentários veiculados pela imprensa em geral. Estes estendem os seus olhares sobre o Carnaval, avaliando-o “de fora”. Nessa medida, ignoram quem produz um desfile, quem faz o desfile acontecer, ou mesmo aqueles que fazem um desfile, ou seja, os inúmeros componentes das alas de evolução, os destaques, os dirigentes de uma escola de samba, *etc.* Oculta-se, assim, como se faz um desfile de Carnaval, seus tempos e espaços de produção e quais as modificações introduzidas nessa produção. Fica omitida a teia de sociabilidade e de convivibilidade, essenciais, nas palavras de Magalhães (1977), para o efetivo acontecer de um desfile, nos dias de Carnaval, conforme insiste também Valença (1996, p. 57).

Partindo de uma leitura interna da produção artística e dos desfiles de Carnaval que reúnem milhares de participantes, é possível desvendar dois momentos. Esses momentos caracterizam-se pela não linearidade, sincronicidade e simultaneidade. O primeiro deles inicia-se com a apre-

sentação da sinopse do enredo aos coordenadores das equipes de artesãos e aos que estarão envolvidos diretamente na produção do desfile, como por exemplo o mestre da bateria, os compositores, os diretores da harmonia e o tesoureiro da escola de samba.

O segundo momento compreende o desfile propriamente dito, quando ganham visibilidade pública os resultados dos vários processos de trabalho que estavam, até então, ocultos nas oficinas, quadra e barracão. A auto-organização dos componentes para o desfile na avenida deixa também evidente a sintonia fina entre carnavalesco, direção de uma escola de samba e os diretores da harmonia que perpassa toda produção artística do Carnaval.

Um carnavalesco atua com intensidade diferenciada em todos esses momentos, desde a elaboração da sinopse de um enredo até a montagem de um desfile na concentração e a sua desmontagem na dispersão, após a apresentação oficial de uma escola de samba. Nessa medida, constitui uma figura síntese, ao condensar e assumir várias funções, múltiplas tarefas e atividades nessa produção a fim de transformar um sonho na polissemia de imagens, sons e palavras que aparecem nos dias de Carnaval.

A figura do carnavalesco surge nos desfiles de Carnaval a partir do final dos anos 60, quando, segundo Ferreira (1999), artesãos responsáveis pela criação plástica nas escolas de samba são lentamente substituídos por cenógrafos, escultores e outros artistas plásticos para assumirem a criação plástica e dramática dos desfiles que exigiam alegorias e adereços cada vez mais bem-acabados (Ferreira, p. 115). A partir de então, confunde-se, como aponta Rosa Magalhães (1977), com as atividades de “*cenógrafo, figurinista e uma espécie de diretor de cena. Às vezes, o carnavalesco faz também o enredo*” (Rosa Magalhães, p. 135).

Acertado o contrato de trabalho com uma escola de samba,⁴ um carnavalesco pode ou não

⁴ Os salários dos carnavalescos, as formas de pagamento e o tipo de contrato são envoltos em segredo. No Carnaval de 2002, os carnavalescos recebiam, em São Paulo, por volta de 60 a 90 mil reais por dez meses de serviços prestados. Não consegui obter informações mais detalhadas sobre benefícios sociais, ajuda de custo etc.

sugerir um assunto para enredo. Os enredos versam sobre temáticas as mais variadas e, muitas vezes, presentes na vida cotidiana como, por exemplo, leite, pão, café, cana de açúcar, roda, manga, cavalos, *etc*; os números 7 e 4; biografias de personalidades públicas, artistas e empresários como, por exemplo, Chiquinha Gonzaga, Villa Lobos, Ziraldo, Betinho, Tom Jobim, Doces Bárbaros (Gal Costa, Maria Betânia, Gilberto Gil e Caetano Veloso), Chico Buarque, Bidú Sayão, Sílvio Santos, Alcântara Machado, *etc*, incluindo até as questões relativas à origem da vida, do universo e a paz mundial. Prestam homenagens às cidades e regiões brasileiras; discutem profecias; recuperam a trajetória do samba, das religiões, as heranças indígenas e negras na sociedade brasileira; reconstituem acontecimentos importantes da formação histórica brasileira como, por exemplo, a distribuição da terra, os movimentos pela libertação dos escravos, as grandes invenções e navegações, o descobrimento da América e do Brasil, o jogo do bicho, o cotidiano brasileiro na metáfora do jogo de xadrez, *etc*.

É importante frisar, nessa questão, que um carnavalesco, ao imaginar um enredo, imagina também as imagens que comporão a sua narrativa através de códigos verbais e não verbais que serão decodificados por outros. Para isso, destaca partes ou “pedaços” que devem ser enfatizados na letra do samba-enredo (código verbal) e pelo ritmo da bateria, porque certas partes do samba-enredo devem relacionar-se com as esculturas, remeter às alegorias, adereços e fantasias (códigos não verbais). A musicalidade da bateria, além de caracterizar uma escola de samba, dá expressividade ao tamanho, volume e às cores das alegorias, fantasias das alas e dos destaques.

A magia do Carnaval brasileiro reside, como diz Joãozinho Trinta, “*na somatória de tudo: das fantasias, dos carros alegóricos, das passistas, bateria, música, puxador do samba...*”⁵

Por isso, um carnavalesco está, como afirma Augusto Oliveira, “*na escola toda*”, relacionan-

do partes – letra e música do samba de enredo, fantasias e carros alegóricos – e todo, segundo a linguagem plástica do Carnaval. Um desfile de Carnaval contempla a diversidade das partes e a unidade do todo. Nesse caso, o todo não consiste na somatória das suas partes constituintes, mas resulta das relações entre essas partes que devem traduzir o enredo narrado no desenrolar de um desfile.

Um carnavalesco pode indicar ou mesmo intervir na escolha de escultores, carpinteiros, soldados, decoradores, técnicos de iluminação ou de efeitos especiais, *etc* e nas equipes de artesãos contratados para a construção dos carros alegóricos no barracão. O critério decisivo para o recrutamento dessas equipes é a experiência na produção da festa de Carnaval. Nesse sentido, comentou certa vez uma participante da comissão de Carnaval, referindo-se às dificuldades que estava enfrentando nos contratos das equipes de ferragem, solda e carpintaria na cidade de São Paulo, “*quem trabalha com portão ou armário, mesmo que seja muito bom, não me interessa. Eles não sabem transformar um desenho em cenário porque tem a pesquisa do material, o tipo de solda, espessura dos ferros a ser usados, o modo de ajustar as partes...*”⁶

Os mecanismos de controle no mercado de emprego do Carnaval são exercidos através de um “saber fazer” Carnaval, isto é, na experiência profissional de quem pretende se engajar nas atividades do barracão, nas oficinas de fantasias dos destaques das alegorias, dos casais de porta-bandeira e mestre-sala e dos participantes nas alas de evolução. Essa experiência comprova-se na execução prática e na solução dos problemas surgidos no dia-a-dia, durante os preparativos e no decorrer de um desfile. Ela não depende, conforme Vasconcellos (1999), da idade dos trabalhadores (as), mas do tempo em que este está inserido no samba, isto é, nas agremiações carnavalescas.

O “trabalho no Carnaval” requer imagina-

⁵ Entrevista com Joãozinho Trinta, realizada em 25 de janeiro de 1999.

⁶ Visita ao Barracão da Nenê de Vila Matilde, em 29 de novembro de 2001.

ção, criatividade, inventividade, responsabilidade e capacidade de comando que são adquiridas, segundo essa autora, com o passar dos anos e pela convivência no meio (Vasconcellos, p. 82-83). Criatividade, entendida conforme Vasconcellos (1999), pela capacidade de pensar soluções “*de acordo com os materiais e os instrumentos de que se dispõe, mas fazê-lo com rapidez necessária sempre que (for) preciso dar um jeito na última hora*”(Vasconcellos, p. 55-57).

A formação profissional para o Carnaval, ou seja, o treino nas técnicas e nos macetes, que envolvem pequenos detalhes, minúcias e segredos, acontece no funcionamento cotidiano do barracão, das oficinas e da quadra das escolas de samba. São os mais experientes, que podem ser os próprios familiares, parentes ou vizinhos, que transmitem conhecimentos e informações para os menos experientes ou iniciantes no “saber fazer Carnaval” que inclui, desde a montagem de um desfile de Carnaval, na área da concentração do Sambódromo, o desfile propriamente dito, até a sua desmontagem, também chamada “apoteose”. Importa, contudo, assinalar que todas as ações e decisões são tomadas, levando-se sempre em conta as suas conseqüências e efeitos no desempenho competitivo entre as escolas de samba. A mesma lógica perpassa a avaliação dos profissionais e dos artesãos que podem, ou não, renovar os seus contratos para um novo Carnaval.

A produção de um desfile de Carnaval para glória do efêmero persegue um método, como qualquer processo produtivo, e segue um plano de táticas e estratégias. As múltiplas maneiras de “fazer com” diluem as fronteiras que separam trabalho e arte; trabalho, emprego e lazer; mundo do trabalho e do não trabalho e deixam transparecer a dimensão coletiva do trabalho e do emprego, embora o enredo seja uma criação individual do carnavalesco.

Comenta Theobaldo a esse respeito:

o fundamental no Carnaval é, justamente, esse conteúdo produtivo (...), quando você pega uma idéia... um desenho de um carro alegórico, de fantasia (...) Você entrega para a pessoa aquilo e não te pertence mais. (...) deixar eles pegarem aquele desenho como deles... eles vão fazer aquele

projeto melhor (...) É fundamental essa apropriação do trabalho pelas pessoas que estão fazendo (...) Elas se desenvolvem, se adensam com um olhar (...) de uma maneira um pouco diferente e vai tendo itens nesse processo todo que é muito rico e muito positivo... Então, ele vai encorpando, além do que você esperava, dá um desvio. E esse vai-e-vem de idéias...⁷

A pluralidade de funções assumidas pelo carnavalesco na produção dos desfiles de Carnaval torna-o um profissional polivalente na medida em que deve “saber de tudo um pouco”, como define Guedes (2002). Além de gerenciar as atividades no barracão na construção das alegorias; controlar a confecção das fantasias nas oficinas e acompanhar os ensaios semanais na quadra, coordena a montagem de um desfile na Passarela do Samba e, após 70 minutos, a sua desmontagem. Assim, autodefine-se um entrevistado: “*considero o carnavalesco muito mais um diretor teatral, um diretor de espetáculo, um diretor de arte... ou, além disso aí tudo. Porque a gente passa pelo processo de criação literária... pelo processo de criação visual, a gente passa pelo processo de criação musical.*”⁸

No exercício das suas atribuições, mesclam-se práticas de trabalho e de emprego que são resignificados na teia de relações sociais e de convivência, aliadas ao sentimento de pertencimento a uma escola de samba, extrapolando cada local de trabalho propriamente dito. Além disso, essas práticas desenrolam-se em outro lugar, ou seja, na festa, no lazer, confundido com o mundo do não trabalho, apesar de muitas delas assemelharem-se às que são executadas em outros lugares sociais como nas fábricas, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tentativas de apreender as manifestações culturais e, principalmente, as festas de Carnaval a partir de uma perspectiva de análise não linear e

⁷ Entrevista realizada em 28 de outubro de 2002.

⁸ Entrevista realizada por mim, em 17 de outubro de 2002, no barracão da Nenê de Vila Matilde, com Augusto Oliveira, contratado por esta escola de samba do Carnaval de 2000 ao de 2003.

não evolutiva levaram-me a repensar a dicotomia entre trabalho e não trabalho nas sociedades modernas e a mostrar que lazer ou diversão supõe para uns, o trabalho, ou trabalho assalariado (emprego), de outros. Se, de um lado, estão os consumidores das atividades de lazer, de outro encontram-se os fazedores dessas atividades. As mesmas questões colocam-se nos estudos sobre produção literária, cinematográfica, televisão, do movimento *hip-hop*, dos espetáculos de dança, dos concertos musicais, *shows* de *rock*, *funk* e MPB, exposições de artes plásticas, *etc.* Todas essas atividades pressupõem processos de trabalho, geram emprego e muitos deles ainda preservam o estatuto de trabalho, enquanto obra, na concepção Arendt (1978).

A análise do “exagero do trabalho” no Carnaval questiona, como tentei mostrar neste texto, a dicotomia que classifica e hierarquiza, de um lado, as atividades lúdicas, associadas ao lazer, e, de outro, todas as demais definidas, de antemão, como trabalho ou emprego. Esta reflexão insere-se em um determinado contexto social, porém traz em si uma aposta no sentido de restituir as dimensões lúdicas às práticas de trabalho e de emprego, descobrindo a ultrapassagem possível da “*fatalidade do trabalho assalariado*” na modernidade, como sugere Barthes (1985). Desse modo, permite repensar o significado do emprego ou do trabalho assalariado para os próprios assalariados(as) que se defrontam, na vida cotidiana, e já experimentaram as inúmeras restrições na sua capacidade humana de agir e criar soluções para os problemas que surgem no dia-a-dia das empresas modernas, sejam elas industriais ou não.

As visões apocalípticas que reiteram a chamada crise da sociedade do trabalho ou “fim da centralidade do trabalho”, as mudanças contemporâneas nas formas de gestão do trabalho e da produção nas grandes empresas, as alterações no perfil do emprego que se expande, cada vez mais, nas atividades de entretenimento, não inspiraram a análise aqui apresentada. É forçoso reconhecer, contudo, que este estudo põe a descoberto as regras e normas disciplinares impostas aos trabalhadores(as)

assalariados(as) nos seus locais de emprego, afastando-os, gradativamente, da dimensão lúdica do trabalho e retirando-lhes a magia do ato de trabalho, enquanto ato criativo. Esta questão, bem como as intersecções trabalho, emprego e lazer, têm merecido pouca atenção dos dirigentes sindicais e dos estudiosos das temáticas sindicais que se vêem diante do desafio de apreender as múltiplas faces dos trabalhadores(as), não apenas enquanto força de trabalho, que os torna, conforme Arendt, eternos proletários.

As práticas de trabalho e de emprego na produção artística dos desfiles de Carnaval deixam evidente o modo popular de organização dos processos produtivos, que antecede o debate contemporâneo acerca das modernas formas de gestão empresarial. Assim, táticas e estratégias “populares” e tradicionais presentes no saber fazer um desfile de Carnaval ganham um caráter de “novidade” sob o olhar empresarial.

Os gestores empresariais interessam-se, principalmente, pelo funcionamento das equipes de trabalho na produção das alegorias carnavalescas. Isto porque essas equipes interferem, diretamente, nos projetos de construção dessas alegorias e dos desfiles de Carnaval, atuando na solução prática dos problemas surgidos na sua construção e no transcorrer dos desfiles. Esse fato revela a efetiva participação de quem faz acontecer os desfiles, o grau de responsabilidade e de liberdade de ação dos integrantes das equipes compostas por artesãos e diversos profissionais que, com seu envolvimento, deixam evidente a mobilização psíquica (Hirata, 1997, p.24) requerida pelo trabalho, enquanto ato criativo, não apenas como um ato executivo.

Chama a atenção também dos gerentes e consultores empresariais, além da transmissão oral das informações entre as equipes de trabalho, dispensando a circulação de papéis com orientações por escrito, o saber fazer concreto dos profissionais envolvidos na produção dos desfiles de Carnaval. Um saber fazer que ordena os vários processos de trabalho e se expressa na inventividade, imaginação, criatividade e engenhosidade desses

trabalhadores e trabalhadoras. Quase sempre são usadas técnicas e procedimentos manuais⁹ em vez de máquinas que poderiam até realizar mais rapidamente as mesmas tarefas.

Importa sublinhar que o trabalho e o emprego na produção de um desfile de Carnaval agrega homens e mulheres, jovens e adultos, artistas plásticos já bastante conhecidos ou totalmente anônimos, soldadores, carpinteiros, marceneiros, eletricitistas, técnicos em decoração, cenografia, iluminação que são contratados como assalariados, sem deixar de exercer práticas artesanais de trabalho. Essas práticas de trabalho e de emprego acontecem fora do universo fabril, ou seja, em outro lugar, e pauta-se na lógica do consumo, não da acumulação. Cada um (individual) produz a festa (coletiva), gerando o belo, não o útil.

Quanto ao envolvimento dos fazedores dos desfiles de Carnaval com a festa, objeto de grande interesse empresarial, não se pode esquecer que esses desfiles são produzidos, principalmente, para determinada escola de samba que representa um bairro da cidade e seus moradores. As cores e a musicalidade da bateria apresentam-na para os outros. Além disso, a glória de uma escola de samba na avenida, mesmo que efêmera, depende do envolvimento efetivo e afetivo de quem produz e faz acontecer os desfiles. Todos são seus protagonistas, produtores e consumidores e, enquanto tais, ganham ou perdem um Carnaval. A diretoria ou o carnavalesco não são os únicos responsáveis pelo resultado alcançado por uma agremiação carnavalesca no seu desfile oficial nos dias de Carnaval.

Confesso, enfim, que um estudo sobre os festejos de Carnaval poderia parecer, do ponto de vista do movimento geral de precarização do trabalho e da nova questão social que lhe corresponde, um contra-senso. No entanto, esse estudo instiga a reflexão em torno de temáticas que não estão contempladas no elenco das investigações sociológi-

⁹ Nas empresas automatizadas, as máquinas com sistema operacional do computador, embora consideradas fáceis de usar, quando “piçam”, são também consertadas, após a intervenção direta e, em geral, manual dos trabalhadores da manutenção técnica, designados por Sennet (1999), como os “salvadores da assistência técnica” (*idem* p.85). Como lembra De Masi (1999b), “as máquinas, por mais sofisticadas e inteligentes que sejam, nunca poderão substituir o homem no trabalho criativo” (*idem* p.71; grifo meu [cadê o grifo?]).

cas sobre as metamorfoses do trabalho nas sociedades contemporâneas.

Alguns estudiosos do trabalho e do emprego, nas sociedades contemporâneas, admitem o fazer concreto que demanda, por exemplo, a montagem de um desfile de Carnaval, mas consideram as práticas de trabalho fora de lugar. Estas práticas, ao se desenrolarem no chamado mundo do não trabalho, aparecem como deslocadas porque ocorrem no local privilegiado do ócio, lazer e tempo livre. Diante disso, a própria escrita da palavra trabalho aparece, invariavelmente, entre aspas.

Apesar de reconhecer as singularidades das formas de organização e funcionamento dos processos de trabalho no Carnaval, Souza (1989), por exemplo, denomina a organização das atividades produtivas, particularmente; no barracão, por “fábrica de ilusões”. Essas atividades estão longe de uma produção fabril, pois o enredo de cada Carnaval se renova todos os anos, impossibilitando qualquer padronização de uma linha de montagem. Por conseguinte, está ausente a produção em massa, um dos aspectos fundamentais no funcionamento de uma fábrica nos moldes fordistas.

Os desfiles, expressão do trabalho coletivo desenvolvido no barracão, na quadra e nas oficinas, são sempre produtos únicos nos quais atuam o carnavalesco, as equipes de artesãos e demais profissionais pagos no barracão onde são feitos os carros alegóricos e nas oficinas onde são produzidos fantasias e adereços. Os foliões também participam dessa produção quando apresentam o enredo durante o tempo regulamentar de um desfile de Carnaval.

A análise interna da produção artística dos desfiles de Carnaval aponta para a importância de uma noção alargada de trabalho que abarca e extrapola o emprego. Dessa perspectiva, um conjunto de práticas sociais de trabalho ganha estatuto teórico, promovendo o alargamento¹⁰ do espectro dos estudos sociológicos sobre trabalhadores e trabalhadoras, práticas sindicais, metamorfoses do trabalho e a produção das manifestações culturais.

Ficam, assim, delineados os valores a se-

¹⁰ Entende-se por alargamento de um conceito a possibilidade dele dar conta dos problemas suscitados por uma análise, sem destruir os conhecimentos acumulados, até o momento, e integrando-os, como uma nova exigência, nas questões históricas do tempo presente.

rem perseguidos pelos projetos de desenvolvimento na construção de outras formas de vida societária que extrapolam as propostas atuais de geração de emprego e renda, enquanto políticas ativas de (re) inserção social muitas vezes pautadas em incentivos fiscais para instalação de pólos industriais. Como adverte De Masi (1999b), “os planos governamentais de incentivo à indústria não conseguiram evitar que o desemprego industrial aumentasse de forma inexorável...” (De Masi, p. 74).

Os resultados da pesquisa sobre trabalho e emprego no Carnaval abrem um leque de temáticas sobre a difusão de práticas de trabalho e/ou de emprego pautadas em saberes e fazeres concretos que dão sentido à própria vida de quem as faz. Nesse sentido, indagam os discursos fundados no ideário do progresso e desenvolvimento econômico centrado no emprego, de preferência, nas fábricas e/ou grandes empresas. Suscitam uma reflexão em torno da idéia de precarização do trabalho e de emprego informal em que se pautam as pesquisas sobre a “nova questão social”. Além disso, questionam a própria concepção de trabalhador que, fora do universo fabril ou das grandes empresas, não trabalha e que, no Carnaval, assume a figuração de vagabundo ou preguiçoso. No entanto, se não trabalha, não sai a festa de Carnaval. Essa concepção foge ao modelo dominante europeu de “estar no mundo”, inclusive, do que se entende por trabalho e por trabalhador, como apontam Dias e Gambini (1998) nas suas reflexões sobre a alma brasileira.

(Recebido para publicação em agosto de 2004)

(Aceito em agosto de 2004)

REFERÊNCIAS

- ARENDE, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.
- BARTHES, R. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1985.
- BLASS, L. Trabalho e suas metamorfoses. In: DOWBOR, L. (Org.), *Desafios da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998a.
- _____. Produzindo o desfile: o trabalho no barracão da escola de samba. *Margem* 8, São Paulo, Faculdade de Ciências Sociais PUCSP/EDUC, 1998b.
- _____. Trabalho: lugares e significados. In: CONGRESSO INTERNACIONAL. Valores Universais e o futuro da sociedade. S. Paulo: ISA/ PUCSP/ Palas Athena, 2001.
- _____. *Trabalho e emprego no Carnaval: a dupla face das Escolas de Samba*. São Paulo, 2003. Concurso (Titular) - Faculdade de Ciências Sociais PUCSP. Artigo inédito.
- CASTEL, R. *Les métamorphoses de la question sociale. Une chronique du salariat*. Paris: Fayard, 1995.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DE MASI, D. *O futuro do trabalho*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999a.
- _____. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Ed. Esfera, 1999b.
- DIAS, L.; GAMBINI, R. *OUTROS 500. Uma conversa sobre alma brasileira*. São Paulo: Ed. SENAC, 1999.
- DIEZ, F. El discurso del trabajo em el siglo de las luzes, *Sociologia del Trabajo, Nueva Epoca*, n. 42, primavera, 2001.
- DUMAZEDIER, J. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel/ SESC, 1994.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, N. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FERREIRA, F. *O marquês e o jegue. O estudo da fantasia para escolas de samba*. Rio de Janeiro: Altos da Glória, 1999.
- FORTUNA, C. Sociologia e práticas de lazer. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 43, out., 1995.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- GUEDES, S. et al. Saber de tudo um pouco: trabalhadores urbanos no Brasil e a ética do provedor. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 7., Rio de Janeiro, 2002.
- HIRATA, H. Os mundos do trabalho. In: CASALI, A. (Org.), *Empregabilidade e educação. Novos caminhos no mundo do trabalho*. São Paulo: Educ, 1997.
- HIRATA, H.; PRÉTECEILLE, E. Trabalho, exclusão e precarização socioeconômica, *Caderno do CRH: revista do Centro de Recursos Humanos da UFBA.*, Salvador, n. 37, jul./dez., 2002.
- JACOB, A. *Le travail, reflet des cultures. Du sauvage indolent au travailleur productif*. Paris: PUF, 1994.
- KURZ, R. A ditadura do tempo abstrato. In: LAZER numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/ WLRA, 2000.
- LAZZARESCHI, N. Trabalho e lazer: o turismo em questão. *Margem*, São Paulo, n. 13, jun., 2001.
- MAGALHÃES, R. *Fazendo o Carnaval*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1977.
- MONTES, M. L. Oficinas do Sonho. *DESIGN Interiores* 37, [S.l.], 1993.
- OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- PAIS, J.M. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.
- QUIJANO, A. Modernidad, identidad y utopia en América Latina. *Sociedad y Política*, Lima, 1988.
- SENNET, R. *Corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SOUZA, H. M. *Engrenagens da fantasia: engenharia, arte e convivência*. Rio de Janeiro: Bazar das Ilusões, 1989.
- VALENÇA, R. *Carnaval. Para tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- VASCONCELLOS, C. C. *E no samba fez escola. Um estudo de construção social de trabalhadores em uma escola de samba*. Niterói: 1999. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da UFF.